

Brasil

Indicadores sociais Fátia das camadas D e E ficou estável em 2018, mostra FGV Social

Classes A e B voltam a crescer e atingem 14,4% da população

Bruno Villas Bôas
Do Rio

O número de famílias ricas e da classe média mais alta (A e B) voltou a crescer no ano passado, ao mesmo tempo em que as classes menos favorecidas (D e E) mostraram indesejável estabilidade, após um rápido incremento durante a crise, mostram cálculos do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, obtidos pelo Valor.

Segundo o especialista, 14,4% da população brasileira integrava as classes A e B no ano passado, o correspondente a 30 milhões de pessoas. No ano anterior, essa proporção era menor, de 13,6% da população. São famílias com renda domiciliar per capita superior a R\$ 8.159. É o que o especialista classifica como "classe média tradicional".

"A figura em nosso imaginário de classe média dos EUA e da Europa, de casa, dois carros, dois filhos e dois cachorros, é representada por aqui pelas classes A e B. Essa, que seria a classe média tradicional, voltou a crescer, o que é uma boa notícia", diz Neri,

que estuda há décadas a mobilidade social brasileira.

Para chegar aos números, ele usou os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do rendimento de todas as fontes (salários, aposentadorias, aluguéis, programas sociais) de 2018, recentemente divulgada pelo IBGE. O critério de corte é da FGV Social e não existe uma linha oficial.

O melhor comportamento recente do topo da pirâmide econômica do país pode ser explicado, em parte, por seu maior nível educacional. Dados da FGV Social mostram que a escolaridade média nas classes A e B é 13,2 anos, contra 8,7 da média geral da população. Nesse caso, os dados consideram apenas pessoas acima de 25 anos.

"Os mais escolarizados não são necessariamente os primeiros a serem contratados ou demitidos. Mas, em todo esse período de crise e tentativa de saída dela, foi particularmente forte para os mais escolarizados", acrescenta ele. "A taxa daqueles que fazem educação executiva (MBAs) nas classes A e B é cinco vezes maior que a média."

Além da escolaridade, a renda das classes A e B pode ter se saído melhor por concentrar uma parcela maior de empregadores, ou seja, de empresários e comerciantes. O lucro das empresas costuma se recuperar das crises na frente do emprego. A taxa de empreendedorismo nas classes A e B é 12,9%, acima dos 4,8% da população em geral.

Como é sabido, porém, a recuperação da renda se dá de maneira desigual. As classes D e E não encolheram em 2018. De acordo com os cálculos de Neri, essa parcela mais pobre representava 30,3% da população em 2018, o correspondente a 62,3 milhões de pessoas, ante 30,1% do ano anterior. O pior foi a classe E2, o estrato extremamente pobre.

"Temos instrumentos que precisam atuar para a inclusão produtiva dos mais pobres, com geração de empregos, incentivo ao empreendedorismo. E também pensar em 'upgrade' do Bolsa Família, que é um programa bem focalizado", diz o especialista, ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos no governo Dilma Rousseff.

No meio disso tudo, a classe C ficou menor de 2017 (56,3%) para

2018 (55,3%). O movimento pode ser explicado com a "devolução" de famílias para o estrato social mais elevado. Essa chamada "nova classe média", uma das responsáveis pelo boom de consumo no início da década, está representada por 115,3 milhões de pessoas.

O IBGE também disponibilizou recentemente, pela primeira vez, os microdados da Pnad Contínua com a série histórica completa da renda de todas as fontes, a partir de 2012, o que permitiu compor um quadro completo da mobilidade social durante a recessão, que durou do segundo trimestre de 2014 ao quarto trimestre de 2016.

O levantamento da FGV Social mostra que as classes A e B chegaram a representar 15,5% da população em 2014, pico da série elaborada pelo especialista. O fundo do poço ocorreu em 2016, quando representaram 13,6% da população.

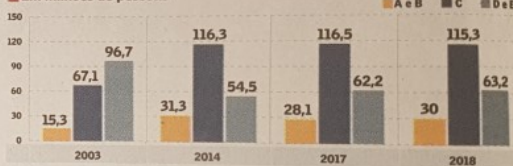
A classe C mostrou-se aparentemente resiliente em termos de participação no total. Em 2014, antes dos impactos da crise, a "nova classe média", representada por famílias com renda per ca-

Evolução das classes ano a ano

Em % da população



Em milhões de pessoas



Linhas de cortes

Classe A e B
Mais de R\$ 8.159,37

Classe C
De R\$ 1.892,65 até R\$ 8.159,37

Classe D e E
Até R\$ 1.892,65

Fonte: FGV Social

pita de R\$ 1.892 a R\$ 8.159, abrangia 57,7% da população. Em 2018, a fatia era de 55,3%.

Mas essa pouca oscilação pode esconder um efeito composição. Apesar de ter se mantido relativamente estável no tempo, a participação da classe C esconde famílias da classe B que empobreceram, ao mesmo tempo que lares antes classificados como C perderam renda e rumaram para o piso da pirâmide.

Na média geral, a pesquisa do IBGE divulgada recentemente mostrou que o rendimento real

domiciliar per capita (que soma todas as rendas da família e divide pelo total de moradores) cresceu 4% em 2018, frente ao ano anterior, para R\$ 1.337. Essa variação praticamente zerou as perdas registradas na crise.

Para o especialista, número disponíveis sugerem que a retomada da renda segue seu curso em 2019, embora mal distribuída. "A boa notícia é que teremos novamente crescimento da renda e a má notícia é que ela tende novamente a ser desigual."

STF retoma julgamento sobre prisão após 2ª instância no dia 7 A10

Pressionada pelo fundo ativista Elliott, AT&T aceita vender US\$ 10 bi em ativos em três anos B5

Dívidas antigas vão ampliar o número de usinas de cana em recuperação judicial, diz Knoepfelmacher B9



Valor

ECONÔMICO

Destaques

Potencial desperdiçado

Uma criança nascida no Brasil chega à idade adulta com apenas 58% da produtividade que poderia alcançar se, durante a infância e adolescência, tivesse acesso a educação e saúde adequadas, segundo o Índice de Capital Humano (ICH), do Banco Mundial. Conforme o levantamento, o índice brasileiro é pouco superior à média mundial (56%). A6

Odebrecht e credores perto de acordo
Odebrecht e bancos credores estão perto de fechar um acordo que definirá o plano de recuperação judicial do grupo, com cerca de R\$ 40 bilhões em dívidas incluídas no processo. A partir daí, a aposta será na "refundação" do grupo, a partir da construtora, rebaixada OEC, que tem hoje 10% do tamanho que teve em seu auge, entre 2013/15. B1 e B3

Usinas vão privilegiar etanol

Diante do gigantesco volume de açúcar estocado na Índia, que deve ofuscar o efeito do déficit de produção estimado para a safra global anual (2019/20) sobre os preços, as usinas brasileiras deverão voltar a maximizar a produção de etanol na próxima temporada nacional (2020/21), que começará em abril. B9

Alberto Corsetti é novo CEO do Safra

No primeiro dia útil após o herdeiro Alberto Safra deixar o banco, junto com o CEO, Rossano Maranhão, a família controladora nomeou ontem o executivo Alberto Corsetti como novo presidente-executivo do Safra. Há 51 anos no banco, Corsetti era diretor estatutário responsável pela área de crédito e membro do conselho de administração. C1

BB e Correios encerram parceria

Correios e Banco do Brasil não chegaram a acordo para renovação do contrato do Banco Postal. A parceria será encerrada em 15 de dezembro. A partir dessa data, os Correios continuarão a prestar serviços bancários, como saques, depósitos e pagamentos, em parceria com mais de uma instituição financeira, por meio do Balcão do Cidadão. C2

Crédito para startups



A SP Ventures, gestora responsável pelos investimentos do Fundo de Inovação Paulista, que estrutura fundos de participações em startups, montou um veículo para atuar com dívida dessas companhias. "É um modelo bastante usado nos EUA, mas ainda recente no Brasil", diz Gabriela Gonçalves, executiva à frente do negócio. O primeiro fundo de dívida é de R\$ 140 milhões, sendo metade dos recursos do BNDES. C3

Reforma reduz benefício da RFP 899

Assim que for promulgada a reforma da Previdência no mês que vem, em data a ser definida, o contribuinte não poderá mais beneficiar do parcelamento de dívidas previdenciárias em até 84 meses (em, no caso de micro e pequenas empresas) previsto na MP do Contribuinte Legal, publicada dia 17. A PEC da Previdência limita esse tipo de benefício a no máximo 60 meses. E1

Ideias

Robinson Borges

A desigualdade mobiliza multidões às ruas, cinemas e livrarias; reduzi-la é a chave para evitar figuras insanas alçadas a heróis. A4

Marcelo Kfoury e Leonardo Weller

Não há confiança que impulsione os investimentos privados e traga uma recuperação mais forte da economia. A15

Indicadores

Desemprego	29/09/19	13,77%	R\$ 123,14
Salário médio	28/09/19	5,107%	R\$ 40,40
Salário mínimo	29/09/19	5,072%	R\$ 40,40
Índice consumidor (ICP)	29/09/19	2,70%	R\$ 100,00
Índice consumidor (IPC)	29/09/19	2,70%	R\$ 100,00
Índice produtor (IPIC)	29/09/19	4,03%	R\$ 100,00
Índice produtor (IPC)	29/09/19	4,03%	R\$ 100,00
Índice produtor (IPIC)	29/09/19	4,03%	R\$ 100,00

Brasil assume protagonismo com pré-sal e nova regulação

Rodrigo Polito, André Ramalho e Francisco Góes
Do Rio

O Brasil caminha para ser uma das maiores potências petrolíferas do mundo. Já está entre os dez maiores produtores e, dada a elevada produtividade do óleo explorado na camada pré-sal, pode se tornar a segunda maior fonte de crescimento da produção mundial de petróleo até 2030, só atrás dos EUA. "O Brasil tem os recursos petrolíferos 'offshore' (no mar) mais produtivos do mundo. Enquanto um poço [no pré-sal] pode ter produtividade de 60 mil barris por dia, no Golfo do México é algo como 12 mil a 13 mil barris por dia. São cinco vezes mais", disse ao Valor Carlos Pascual, vice-presidente

da IHS Markit. "Outra parte fundamental foram as reformas dos últimos dois anos no setor, abrindo a possibilidade de haver outros operadores [no pré-sal], não somente a Petrobras."

Às vésperas do megaleilão dos excedentes da chamada "cessão onerosa", o diretor-executivo da Agência Internacional de Energia (AIE), Fatih Birol, disse ao Valor que, com os recursos necessários do pré-sal, o Brasil "veio para ficar". O economista turco lembrou que a rodada, no dia 6 de novembro, leiloeirá volumes recuperáveis entre 6 bilhões e 15 bilhões de barris de óleo equivalente, segundo estimativa da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

"É certamente uma das maiores [reservas] da história do setor", observou Birol. A expectativa da AIE é que o país

acrescente 1,2 milhão de barris diários de óleo à oferta global até 2024, o que representaria aumento de cerca de 45% frente aos níveis produzidos pelo país em 2018, de 2,6 milhões de barris/dia.

Sobre a quebra do monopólio da Petrobras no refino, Birol vê com cautela as expectativas de que a abertura do setor atrairá investimentos em novas refinarias. "Globalmente, vemos poucos investimentos em refino fora da Ásia e Oriente Médio", informou. Birol está no Brasil para fazer uma palestra sobre a transição energética, hoje, na Offshore Technology Conference (OTC), no Rio. O executivo continua a ver papel relevante para as petroleiras nas próximas décadas, já que o mundo ainda "precisará de petróleo e gás por muitos anos". Página A7

Prévia indica lucro maior dos bancos

Flávia Furlan
De São Paulo

Bancos privados devem apresentar mais um trimestre de forte crescimento dos lucros, puxado novamente pelo desempenho positivo da carteira de crédito. Com a mudança no portfólio de produtos, privilegiando linhas mais rentáveis, essas instituições têm conseguido compensar a perda de receita em atividades de tesouraria e prestação de serviços.

A média das projeções de analistas consultados pelo Valor aponta para expansão de 16,2% no lucro líquido recorrente dos maiores bancos privados — Itaú Unibanco, Bradesco e Santander — no terceiro trimestre, em relação ao período equivalente de 2018. A temporada de balanços começa amanhã. Página C3

Itaú Unibanco é o vencedor de 2019 do prêmio 'Valor Carreira'

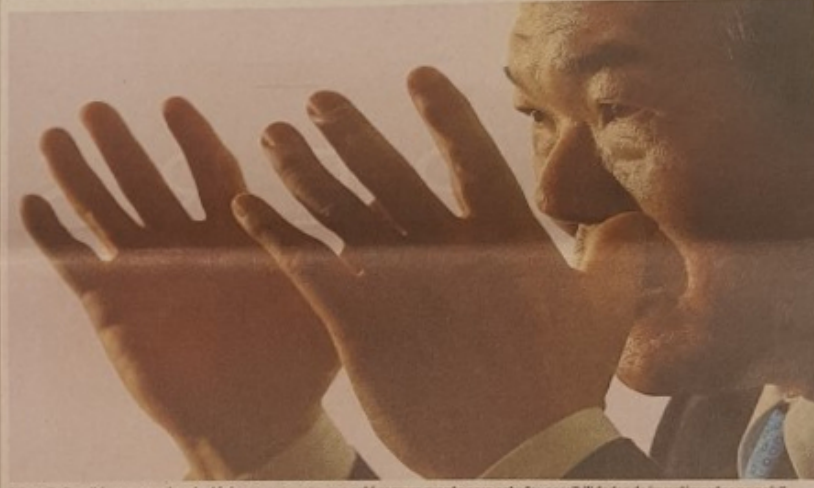
Sérgio Tauhata e Barbara Bigarelli
De São Paulo

O Itaú Unibanco é o campeão de 2019 do prêmio "Valor Carreira", que elege as organizações com as melhores práticas na gestão de pessoas no país. Realizada pelo Valor e a consultoria Mercer, a pesquisa escolheu as 35 empresas que mais se destacaram ao longo deste ano. Seus perfis estão na 17ª edição do anuário "Valor Carreira". O Itaú Unibanco e as outras companhias vencedoras receberam o título em evento realizado ontem, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

O investimento do Itaú Unibanco em digitalização é uma das ferramentas usadas não apenas para ganhar eficiência operacional, mas também para mudar a cultura organizacional e de pessoas. "A transformação digital é uma realidade e deve se intensificar em razão da demanda dos próprios clientes", diz Sérgio Fajerman, diretor-executivo de Recursos Humanos do banco.

As firmas eleitas pelo "Valor Carreira" pretendem ampliar a digitalização em 2020 por meio de duas providências: avanço da automação de processos internos e melhoria da experiência dos funcionários no dia a dia e em treinamentos.

A revista "Valor Carreira", com o perfil das empresas vencedoras em cada segmento, circula hoje junto com o "Valor" para assinantes do jornal e vende em bancas. Página A6



Itijima: "O Brasil é um mercado estratégico para o grupo, que está sempre pronto para estudar possibilidades de investimentos no país"

Baixo crescimento preocupa Mitsui

Assis Moreira
De Tóquio

O presidente do conselho de administração do conglomerado japonês Mitsui, Masami Itijima, considera que governos e empresas precisam reagir à tendência de baixo crescimento global, em vez de continuar a discutir sobre as causas desse fenômeno. Ao Valor, ele sugere que os governos devem adotar

estímulos onde puderem e as companhias aproveitar as oportunidades de negócios rapidamente e investir.

Itijima vê a guerra comercial entre EUA e China como o maior risco para levar a uma recessão global. Outra ameaça que aponta é uma maior desaceleração da economia chinesa. Diz que a indústria japonesa já sofre o impacto desse cenário.

O conglomerado opera em 66 países, com 491 companhias afiliadas. Faturou

US\$ 62,7 bilhões no ano fiscal encerrado em março de 2019. É considerada uma das companhias mais diversificadas do mundo, atuando no comércio, investimentos e serviços, em segmentos como metais, maquinários, infraestrutura, energia, químicos, estilo de vida, inovação e desenvolvimento corporativo. No Brasil, a exposição do grupo alcançou US\$ 9,43 bilhões em março — 80% disso em investimentos. Página B2

Classes A e B voltam a aumentar

Bruno Villas Bôas
Do Rio

O número de famílias ricas e da classe média mais alta (A e B) voltou a crescer no ano passado, ao mesmo tempo em que as classes menos favorecidas (D e E) mostraram indecifrável estabilidade, mostram cálculos de Marcelo Neri, diretor da FGV Social, obtidos pelo Valor.

Segundo Neri, 14,4% da população brasileira integrava as classes A e B no ano passado — ou 30 milhões de pessoas. No ano anterior, essa proporção era de 13,6%. São famílias com renda domiciliar per capita acima de R\$ 8.153.

"A figura em nosso imaginário de classe média dos EUA e Europa, com casa, dois carros, dois filhos e dois cachorros, é representada por aqui pelas classes A e B.

Essa, que seria a classe média tradicional, voltou a crescer, o que é uma boa notícia", afirma Neri. A melhora pode ser explicada por seu maior nível educacional. Além disso, as classes A e B podem ter se saído melhor por concentrar uma parcela maior de empresários do que a média da população. Normalmente, o lucro das empresas se recupera das crises à frente do emprego. Página A6

Argentina vive clima amistoso para transição

Marina Guimarães
De Buenos Aires e Abu Dhabi

A expectativa de uma transição de governo ordenada na Argentina — o presidente Mauricio Macri e o presidente eleito Alberto Fernández reuniram-se ontem de manhã para combinar detalhes da transferência de poder — foi bem-vista pelos mercados, que ainda esperam sinais concretos do futuro governo. A bolsa de Buenos Aires caiu 3,9% e o dólar se desvalorizou 0,82%, cotado a 59,5 pesos. "É o mínimo que se espera de líderes políticos num país democrático e em plena crise", disse o economista da consultoria Econômica, Ramiro Castañeira.

O presidente Jair Bolsonaro considerou uma "afrota à democracia e ao Judiciário" brasileiro manifestações de Fernández em apoio ao ex-presidente Lula. Página A13

Agricultores declaram guerra ao 'javaporco'

Marcos de Moura e Souza
De Sacramento (MG)

O fazendeiro Amarildo Bizantino investiu anos na produção de milho, soja e sorgo no oeste de Minas Gerais. Venceu percalços frequentes na agricultura. Mas recentemente se viu diante de um adversário ao qual teve de se render. "Tive que

parar de plantar milho", disse ao Valor, a semana passada, em sua fazenda em Sacramento. A culpa é dos javalis.

Ele não foi o único. O município viu uma mudança em seu perfil agrícola. Estimativa do sindicato rural da cidade diz conta que, há alguns anos, havia entre 50 e 60 produtores de milho — o alimento preferido do animal. Hoje, apenas só cinco ou seis.

O javali se tornou um pesadelo para produtores rurais da Região Sul até a Bahia. E está expandindo sua presença a novas áreas, aumentando os gastos de produção. Chamados de "javaporcos", eles destroem plantações e áreas de nascentes de rios. Mas há outro problema associado a esses animais: são potenciais vetores de transmissão da peste suína e da aftosa. Página B10